

# ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 34 do 4.º Ano—N.º 184

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 4 de Junho de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

## O ASILO DE SANTA ESTEFANIA

destinado à infância desvalida, fêz, com legítimo successo, a sua primeira exposição de trabalhos

### UM SARAU EM BENEFÍCIO DESTA CASA DE CARIDADE

**INDA** não há muito que aqui nos occupamos desenvolvendo e pormenorizadamente desta instituição, simpática entre as que mais o são, pois se destina a recolher, educando e guiando nos primeiros passos da vida, a orfandade—os tristes cardossem flor a quem falta o orvalho dum carinho.

Agora, porém, que uma exposição de trabalhos ali se realizou atraindo e chamando àquella casa o espírito e o coração dos vimaraneses, justiça é determo-nos a apreciar, dizendo o que foi e o que, em rigor, representou esse esplêndido certamen de provas públicas, o primeiro que o Asilo tem efectuado, que sabemos, nos seus 51 anos de existência.

Não é esta instituição uma escola *ménagère*, habilitada com um vasto programa em regra concebido dentro dum plano teórico e vistoso. Não obstante isso, o Asilo de Santa Estefânia é mais alguma coisa que um recolhimento de crianças *asiladas*. No seu estatuto fundamental isso mesmo está previsto; mas a presente exposição, como o melhor de todos os comentários, o veio agora patentear exuberantemente.

As suas illustres directoras, sem descurarem aquele ensino elementar, absolutamente necessário, contudo, à boa serva ou dona de casa—como seja aprender a cozinhar, lavar, remendar, engomar, brunir, servir à mēsa, além de noções de corte, confecção, jardinagem, medicina caseira, etc.—compreenderam e muito bem, que depois disso outras *prendas* de economia doméstica se tornaria útil e proveitoso ministrar às suas educandas, visto que, como conceituosamente o vulgo diz, «*o saber não occupa lugar*».

Demais, é evidente: a mulher tem uma queda e um sentimento emocional para tudo quanto seja grácil, belo, delicado. O caso está em aproveitar e aperfeiçoar nela essa tendência, naquella idade em que nos seus espíritos de cēra se

marcam e esteriotipam todos os ensinamentos, induzidos mais pelos exemplos práticos que pelas abstracções teóricas, —embora aí se concebam e traduzam princípios educativos muitas vezes modelares, pois que, aos olhos e à percepção da criança, só tem carácter assimilável aquilo que é simples, objectivo, oportuno.

Nestas circunstâncias, a exposição de trabalhos das simpáticas asiladas de Santa Estefânia teve o supremo condão

sentadas, as quais vão desde o simples *crochet* e meia ao mais fino labor da arte aplicada. Firmados, todavia, no parecer autorizado e sabedor de quem ali foi no propósito de bem analisar, é fóra de dúvida que estamos habilitados a escrever que a exposição do Asilo de Santa Estefânia honrou sobremaneira aquele estabelecimento de caridade, pois todos os trabalhos, não só pelo seu desenho como pela sua técnica, eram, segundo a or-

fia, em tãmene, em milhardis, em matis, em fantasia, bainhas abertas, bordados a branco, rendas em lacé, etc.

O Asilo alberga actualmente 48 crianças do sexo feminino. O seu rendimento próprio é computado em 1:638\$, e a sua despesa obrigatória em 2:394\$, produzindo-se portanto um deficit de 757\$, que tem de ser coberto pela beneficência particular.

Além disto, tem a actual comissão administrativa o maior



de satisfazer... e de emocionar a alma sempre terna e sensível do povo vimaranesense que ali acorreu, bendizendo quantos pelo seu esforço e acrisolado amor à infância desvalida, tanto tem contribuido para a manutenção e alevantamento duma das mais santas, das mais belas, das mais queridas obras de beneficência social que nesta terra se contam ainda, felizmente, em bom número.

E' evidente que, por nós, não podemos detalhar o valor específico e artístico de trabalhos cuja especialidade requer, como é natural, conhecimentos seguros da sua qualidade e da sua técnica.

Se estava dentro do nosso modo de ver e de sentir fazer a crítica apreciativa do aspecto geral e decorativo da exposição, por certo que nada poderíamos dizer sobre a textura própria de cada uma das variadíssimas provas apre-

dem e idade das simpáticas expositoras, correctos, perfectos, primorosos.

Parabens, pois, a todos quantos dispensaram auxilio para o feliz êxito do interessante concurso de trabalhos, sem esquecer as pequenas asiladas, que tam dignas se mostraram da autoridade e intelligência das suas illustres professoras, oferecendo dest'arte à família vimaranesense um grande e eloquente ensejo—o de lhe fazer sentir mais intimo e mais fervoroso o dever moral de ajudar a viver e a prosperar um asilo tam humanamente simpático e altruista.

Eis uma nota da especie dos trabalhos expostos, e que foram vendidos na sua quasi totalidade, sendo igualmente feitas algumas encomendas:

Meias, rendas, costura, marcadores, trabalhos a ponto de nó, em tul, em ra-

empenho em completar as obras de reconstrução que há alguns anos ali se arrastam.

Interpretando e sentindo essa necessidade, vai em auxilio das referidas obras promover-se dentro em breve um

### Sarau beneficente

Denodada e entusiasticamente trabalha um grupo de moços vimaraneses na confecção dum programa para um sarau em beneficio da querida instituição, o qual deve realizar-se em breve.

A idea, que tem sido, como é natural, bem acolhida por todos, converter-se há em receita que muito e muito irá utilizar aquella parte das obras que a prestan-te direcção do Asilo, não obstante os seus milhores esforços, ainda não pôde concluir.

Os elementos para esta festa de caridade são attraentes e de fino gosto, contando-se para elles com a colaboração de distintos cavalheiros desta cidade e de fóra.

O programa do sarau, embora não possamos dizê-lo desde já definitivo, é o seguinte:

I

### "A Moria Galante,"

versos de Marcelino Mesquita, por Bernardo Almada (Azenha).

### CANTO AO PIANO

pela sr.ª D. Maria Gómes de Castro, diplomada no curso do Conservatório de S. Paulo.

### Assalto de sabre

pelos aspirantes Cezar de Moraes e Jalme de Vasconcelos, de infant. 20.

II

### AUTO DO BUSTO

1 acto, em verso, de Marcelino Mesquita, interpretado por Adriano Trépa e F. Mendes.

### Solo de Cavaradossi (TOSCA)

pelo Capitão Luis A. de Pina Guimarães.

### SICILIANA (CAVALARIA RUSTICANA)

pelo mesmo.

### "OS SIMPLES,"

versos de Guerra Junqueiro pela asilada, Ludovina Pinheiro.

III

### Violino

por Acácio Faria, brilhante aluno do Conservatório de Lisboa.

### Caricaturas

Instantâneos, pelo Capitão Luis A. de Pina Guimarães.

No átrio, antes de principiar o sarau, tocará a banda regimental.

A comissão organizadora deste sarau é composta dos seguintes nomes: Armindo Guimarães, Adriano Trépa Ramos, Jerónimo de Almeida, Mário Cardozo, Alberto Costa e Amadeu Carvalho. Os convites para este sarau vão ser em breve distribuidos.

## ECOS

## Pela coisa...

O «Diário da Manhã» chegou, e foi um escândalo de sucesso.

Dizem que este diário vem fazer a contra-revolução; que é um sintoma de revivescência monárquica. Não há dúvida. Um jornal serve para atear o fogo sagrado duma Causa, quando esta traz em si o germen dum ideal sacrossanto.

Ora, a monarquia não é hoje uma Causa por que se batam gerações. Quando muito—uma coisa porque se esmurram clientelas.

Masquem-no, pois, à vontade. A ilusão é tudo—já dizia o outro!

## Aprenda

Pimponia o «Echos...» com o rei na barriga:

«Do nosso lado, do lado da monarquia, temos a figura simpática de Sua Magestade El-Rei, esse nobilíssimo português...» etc.

Foi inspirado decerto em iguais sentimentos que o vosso festejado correligionário Cunha e Costa um dia escreveu:

«... Quem há aí, tão apoucado de mente e tão despido de seriedade, que venha romper lanças por esse pobre infante, bonachão e patusco, que nunca fêz mal a ninguém mas cuja mentalidade nunca foi além do «Minha menina», com que em caprichosa caligrafia principiava as suas cartas às raparigas da vid'airada?!»

Vejam, ao menos, se se põem de acôrdo, se afinam!

## Sem medo

Sim, é preciso que se saiba: se eles, os rossuscitados monárquicos, não forçam, não veem para a rua clamar, gritar—«Por S. Tiago e Santa Maria»,

«Não se diga que é medo que assolou os arruiais monárquicos...»

garante a gente do «Echos...».

E tem muita razão. O que eles sentem não é medo—é susto!

Se não fosse isso... ai, meninos! ninguém tinha mão nêles.

Sempre tem um génio!

## Negra sorte

Operários! Ouvi, atendei, que fala em vossa defeza, ali o órgão da monarquia—aos domingos:

«Não os invejeis—os proprietários—quando os verdes passar melhor vestidos do que vós. Quantas vezes eles trocariam o pão alvo de sua mesa, pelo negro, amassado com o suor do vosso rosto!»

O proprietário—jeis a vítima de toda a desorganização social! Não lamenteis, porisso, a vossa sorte, ó misero desgraçado, «sem beira nem eira nem ramo de figueira.»

«Mais do que vós,—repara!—curte frios e fomes, o infeliz, o desventurado proprietário!

Será para ele, de futuro, a nossa esmola.

Sede, vós, também, o Cirineu da sua cruz—se não quereis ter sorte igual à d'êles!

## Não é nem pode ser

Dizem-nos que os empregados duma certa repartição municipal pretendem fazer monopólio de venda das novas medidas para líquidos, intimidando, para isso, os vendedores que a ela estão mais ou menos sujeitos.

Já não estranhemos que se acredite em todas as tolices que os engraçados para ahí inventam.

## Acreditai-os!

Quando o «Echos...» escreve:

A monarquia não força, espera, e é nisso que consiste a sua mais rara virtude patriótica»,

este jornal diz a verdade. Risquem, porisso, êsses três malogrados movimentos conspiratórios—um, tentado pela fronteira espanhola—pois a verdade toda é que eles não tem feito outra coisa se não esperar... esperar... esperar pela coragem, para a última e irrevogavel.

E que resignação! Ainda agora os seus estudantes ali em Coimbra vivavam furiosos á monarquia.

## Os patriotas—êles!

## Quem o dúvida?

Prova de que a gente monárquica é patriota... até às unhas dos pés; prova de que êles, os monárquicos, são capazes de morrer, como Camões, por a sua pátria «muito amada»; prova de que é uma vilíssima torpeza julgarem-nos capazes de preferir a administração estrangeira á República—essa prova fulminante e real acaba de a oferecer o último ministro dos estrangeiros da monarquia, o sr. dr. José de Azevedo Castelo Branco, em um artigo publicado no «Estado de S. Paulo», sob o título Portugal e Espanha.

Sobre o povo português, diz o citado cavalheiro:

«..... povo, condenado na história pela justiça imanente de um merecido destino, a ser iliminado pelas formas que são de uso nos povos caídos na imbecilidade caduca.»

«..... como, se ainda houvesse possibilidade de brio neste povo que parece anquilosado.....»

Sobre «espírito generoso» dum rei intruso e do Exército:

«Quando o movimento revolucionário português, êsse colossal bamburrio que a defecção miserável do exército tornou possível, foi conhecido em Madrid, ninguém já hoje ignora que ao generoso espírito do rei Afonso acudiu a idea de vir em socorro da monarquia portuguesa.....»

E se a generosidade do monarca da nação vizinha não caiu sobre nós, não foi, não, porque o inclito cidadão, José de Azevedo, semelhante coisa não desejasse—e com êle toda a grei!—mas porque, êle o diz,

«A opposição da Inglaterra inutilizou o generoso impulso do monarca espanhol.»

De resto, Portugal não teria muita razão para protestar, para se erguer contra o tal «generoso impulso» do rei de Espanha. Duvidam?

Oçam, oçam, que são as palavras dum ex-ministro dos estrangeiros na monarquia:

«E porque não? Nós somos geograficamente uma prolongação da Espanha, arrancada por

## AGORA OS DE RIBA DE AVE

## A Câmara representa ao Parlamento em defeza dos interesses desta terra

## Os partidos evolucionista e unionista, colaboram na formação do novo concelho

Promovida a defensiva contra a desanexação de 16 freguesias dêste concelho, que a pretensão de Vizela queria arrastar consigo, idêntica atitude havia a seguir com os de Riba de Ave, que, embora mais modestos, contudo nos buscavam arrancar 3 freguesias, que eram Lordelo, Guardizela e Serzedelo.

Não descuro o Partido Republicano Português, desta cidade, êsse dever de legítimo e sagrado amor à terra, destacando para isso alguns dos seus elementos, os quais indo ao seio dessas populações e depois de as ilucidar sobre as salientes desvantagens que, para elas, derivava da sua passagem para o projectado concelho de Riba de Ave, dos mesmos recolheram a sua representação de protesto, que foi em seguida enviada ao Parlamento.

Dentro da mesma attitude, a Câmara Municipal acaba de remeter ao mesmo destino a representação seguinte:

«A Câmara Municipal de Guimarães, como legítima representante dos seus munícipes, interpetando fielmente o sentir de todos êles, vem apresentar ao Senado da República Portuguesa, por intermédio de Vossa Excelência, o seu veemente protesto contra a projectada criação do concelho de Riba de Ave com prejuizo da integridade dêste concelho e dos de Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso.

A criação de novos concelhos é, como não podia deixar de ser, num regimem democrático, da exclusiva competência do povo; não pode estar á mercê da vontade de dois ou três caciques do velho regimem para satisfação das suas vaidades e dos seus interesses nem sempre legítimos.

E o povo das freguesias com que se pretende organizar o projectado concelho, não foi consultado, nem ouvido, mas sim ludibriado por umas duas criaturas sem escrúpulos, sem autoridade moral, inimigos da República e com pretensão á régulos do continente.

Algumas dezenas de cidadãos assinaram um papel que dois antigos caciques monárquicos ou seus agentes lhes apresentaram, dizendo-se a êsses cidadãos que era para de futuro ficarem a pagar menos contribuições, para não ser encerrada a igreja, etc.,

múltiplas-circunstâncias que os tempos tornaram possíveis, ao dominio dos seus réis. Sômos uma criação política e não uma nacionalidade com caracteres étnicos e uma geografia distinta».

Como estão vendo, é quasi um convite á ambição do povo vizinho para que venha tomar conta daquilo que, afinal, lhe pertence,

«ambição que, por dolorosa que seja, não posso (êle não pode!) deixar de considerar justificável e capaz de fortalecer a instituição que a realize.»

«Eis como êle termina, o illustre saúdo!

«E' só êste illustre português (?) que escreve e pensa assim?

Não é, infelizmente: José de Azevedo—é um simbolo.

Traduz em si todos os patrioteiros que pugnam pela defunta!

e êles, na sua boa fé, escreveram o seu nome, que, pela forma dolorosa como foi obtida a assinatura, de forma alguma significa aquiescência á criação do concelho de Riba de Ave.

Outros, operários duma fábrica do principal interessado na formação do aludido concelho, assinaram forçadamente, como escravos, para não serem despedidos e reduzidos á miséria com suas famílias.

Esta Câmara, pois, em nome do município que representa, toma a liberdade de lembrar ao Senado da República Portuguesa que o projectado concelho vai de encontro á vontade unânime do povo, e, sendo assim, como de facto é, êsse Alto Corpo Legislativo por certo não pretende agravar a consciência pública, contrariando-a no que ela pode, espera e quer, no pleno uso da sua liberdade, que ninguém tem o direito de contrariar e coartar.

A mutilação do concelho de Guimarães, assim como a dos outros, apenas pode aproveitar á causa monárquica, sem vantagens para os interesses dos povos, porquanto os inimigos das Instituições não perdiam decerto a oportunidade de fazer propaganda acusando a República, de nem sequer poupar e respeitar um dos mais antigos concelhos de Portugal, fraccionando-o, fragmentando-o, o qual conta páginas brilhantes na nossa história Pátria.

Não duvidando, portanto, do vosso acrisolado patriotismo, convicta de que ouvireis e atendeis a voz do povo que se vos dirige por nosso intermédio, a Câmara de Guimarães, em nome da liberdade que todos temos de defender, espera e confia em que não sancionareis a escravidão dos povos das freguesias que alguns monárquicos de ontem e falsos republicanos de hoje pretendem dominar com a formação dum concelho que nem geográfica, nem histórica, nem economicamente se justifica.

Entretanto, o que se passa com respeito ao Parlamento e á pretensão de Riba de Ave?

Isto: o projecto surge no senado, apresentado pelo sr. Anselmo Xavier, unionista, vindo com o parecer favorável da comissão de que foi relator o sr. Feio Terenas, evolucionista. Registe-se.

## Ai dos vencidos?

Há republicanos timoratos que, ao verem a linguagem agressiva e autoritária dos jornais monárquicos, atam as mãos na cabeça e perguntam se tal imprensa pode continuar assim—sem mordaca.

Na realidade, a berrata é de quem parece que traz no bucho toda a moralidade pública, toda a autoridade directiva do commando governativo.

«Ora, mas para que estranhar o caso?»

Já João Chagas pôde constatar isso—dois meses depois de proclamada a República.

Leiam:

«Quem ignorar, por exemplo, que, em Portugal, foi proclamada a República e lançar mão de qualquer dos jornais monárquicos que continuaram sob o novo regimem a sua publicação, ficará imaginando—o quê? Que neste país hou-

ve apenas uma mudança de ministério e que êsse ministério está, como sempre, sendo combatido pela opposição. Mais nada!

Deu-se aqui um verdadeiro cataclismo. Caiu numa manhã uma tradição de sete séculos, sacudida por um estremecimento social que só tem equivalente num tremor de terra. Rolou por terra um trono, sob uma chuva de granadas, e um rei espavorido tomou o caminho do exílio, num batel de pescadores. Tudo o que fazia a sua omnipotência caiu com êle e foi subvertido—a côrte, a nobreza, o governo, o parlamento, o seu palácio e a sua guarda. A sua rialeza era um poder feudal. Cafu como uma Bastilha. A sua monarquia era um poder agressivo. Foi vencido pela força das armas, e todo o orgulho, toda a petulância do seu dominio da véspera passaram a chamar-se—derrota, fuga, banimento, humilhação, adversidade, infortúnio.

Lance-se, porém, mão dos jornais da imprensa monárquica e dir-se ia que nada disto foi assim, que tudo isto,—cataclismo, subversão, escombros, fugas, pânico,—foi apenas um pesadelo, que o que há de mudado em Portugal é apenas o ministério e que êsse ministério é—quem sabe?—o de Teixeira de Sousa, a levar pancada do bloco, como um bombo numa festa.

Mas a situação é mais absurda ainda.

A monarquia caiu com infâmia pública. Caiu desonrada a dinastia; caiu desonrado o regimem. Dos últimos braganças pode dizer-se que constituiram a mais espantosa família de devoristas que ainda assolou um Estado, e o regimem, êsse, está julgado pelos seus. Foi puramente o saque.

Lance-se, porém, mão, dos órgãos monárquicos que esplendidamente florescem neste país, e que vemos? Vêmo-los falar ao governo com um vozeirão de juizes severos e pedir-lhes contas. Sim! contas. «Poderá vir ao conhecimento do país a quanto monta a dívida externa e interna?» pergunta um. Outro grita como um possesso: «Venha tudo! mas tudo! tudo!» Outro diz que o governo não lhe inspira confiança, e fala em exercer—«fiscalização».

«A que se deve êste absurdo, êste ilogismo, êste disparate, êste contrassenso, que faz com que vencidos falemos no tom arrogante de vencedores, a dois meses de distância da sua derrota?»

## No liceu

## Festa académica em homenagem

## Gil Vicente

E' segunda-feira, 8 de Junho, o dia escolhido pelo município para o feriado do concelho em homenagem a Gil Vicente, o vimaranense illustre que foi o fundador do Teatro Português. Solenizando êste dia, que, para todos nós, filhos de Guimarães, deve ser de jubilo patriótico, vai o nosso Liceu, promover por iniciativa do seu digno reitor e com a colaboração dos internatos, uma festa comemorativa em honra dessa grande figura do seculo XV.

O programa dessa festa, que tem de verificar-se no átrio claustral do Liceu, é o seguinte:

Discurso alusivo a Gil Vicente—Ginástica sueca—Cinematógrafo—Jogos desportivos—Recitativo—Canto coral—Música, etc.

O Internato Municipal oferece algumas medalhas, que devem ser disputadas nos jogos desportivos pelos grupos dos diversos internatos e academia.

As entradas para esta festa de caracter público são pagas, revertendo o seu produto em beneficio da Caixa Filantrópica Académica Vimaranesense.

## Comissão Executiva DA Câmara Municipal

Sessão ordinária de 3 de Junho de 1914

Pelas 22 horas, assume a presidência o sr. vereador Mariano da Rocha Felgueiras, achando-se presentes os srs. vereadores Justino Ferreira, Clemente Dias Pereira, Joaquim Cardoso, Ferreira Guimarães, Júlio Cardoso e Coelho Pinto, sendo declarada aberta a sessão.

### BALANÇO

Referente à semana finda, accusa os seguintes saldos:

Na Caixa Económica 6.183,92; em cofre, 3.318,89.

### OFÍCIOS

Do Director interino do Internato Municipal, informando que o aluno Demétrio Brandão retirou para Lisboa, apresentando motivos justificados. Inteirada.

—Da 3.<sup>a</sup> Circunscrição, com sede no Pôrto, remetendo o processo de classificação de 3 professoras para a escola primária de Caldelas. Resolveu nomear a primeira classificada, Virginia Pereira Martins.

—Da professora regente da escola central do sexo feminino, participando não terem assumido o seu cargo as professoras Miranda de Barros e Florinda da Mota-Inteirada.

—Da mesma, com data posterior, informando que as professoras Miranda de Barros e Florinda da Mota, já se tinham apresentado ao serviço, tendo justificado as suas faltas. Inteirada.

### REQUERIMENTOS

De Domingos Dias, da freguesia de Briteiros, pedindo para abrir uma estrada no seu campo. Deferido.

—De José Ferreira, da freguesia de Briteiros, requerendo para vedar um terreno. A' Junta respectiva para informar.

—Do Bacharel Gonçalo Paúl, solicitando da Câmara a licença para uma construção de casas na freguesia de Creixomil. Deferido.

—Do Tezoureiro Municipal, pedindo para lhe passar um diploma de funções públicas. Deferido.

—De Domingos António de Freitas, de Airão, pedindo para poder fazer a limpeza numa mina

que abastece a fonte pública daquela freguesia, de que é seu proprietário. A' Junta daquela freguesia para informar.

—De António Martins, que, passando de vedar uma banca no lugar da Tapada, pede à Câmara a respectiva licença. Deferido.

—De Francisco de Castro Leite, de Calvos, que, desejando passar com água de rega à margem do caminho público daquela freguesia, requer da Câmara a respectiva licença. Deferido, pagando a taxa que lhe fôr lançada.

—De António Barreto, da freguesia de Sande, pedindo para reparar uma casa térrea. Concedida.

—De Joaquim Chicória, declarando que, não lhe convindo o lugar de guarda dos impostos na povoação de Vizela, pede a sua demissão. Concedida.

—De José Joaquim Lopes, pedindo para abrir um rego que foi inutilizado por um seu vizinho numas obras por ele feitas com autorização da Câmara. A' Junta, para informar.

—Foram passados 7 diplomas de encarte a diversos professores. Sendo 23 horas, foi, pelo sr. presidente, encerrada a sessão.

## Sociedade Protectora dos Animais

Reuniu a direcção desta Sociedade tomando as seguintes deliberações:

—Aprovar dois novos sócios, sendo um deles o sr. Fausto Augusto da Costa Rebelo, chefe da Polícia Civil. Este facto mereceu por parte da presidência, com o assentimento de toda a direcção, algumas palavras de louvor ao mesmo, visto que a sua inscrição é garantia de que o corpo policial auxiliará esta Sociedade no cumprimento dos seus fins.

—Enviar à Sociedade Protectora dos Animais de Lisboa as 16 respostas das crianças das escolas primárias ao concurso escolar, esperando a sua classificação, para depois se fixar o dia em que, em sessão solene, serão distribuídos os prémios respectivos.

—Tomado conhecimento de que a Câmara mandou afixar no bebedouro, à entrada da Avenida, uma placa com os seguintes dizeres: «A peido da Sociedade P. dos Animais».

—Remeter para juizo queixa contra Tomáz Lopes, pois que havendo sido avisado pela autoridade administrativa para retirar do trabalho um boi velho e doente, este não cumprira essa determinação.

—Apresentar queixa na Polícia contra um chauffeur, que proposadamente, (segundo testemunhas oculares) atirara o automóvel que dirigia por sobre um cão, matando-o.

—Avisar, por intermédio do guarda privativo desta Sociedade, conhecidos individuos que põem armadilha às aves de canto, o que lhes é proibido por lei.

—Pelo guarda referido, Emilio Castelar, foi apresentada uma nota dos serviços prestados pelo mesmo durante o tempo do seu exercício. Foi resolvido publicar essa nota.

—Estiveram presentes a esta reunião A. L. de Carvalho, Henrique Gomes e Simão Costa.

—O expediente constava de um aviso da Caixa Geral, 2 ofícios da Sociedade Protectora dos Animais de Lisboa e o Relatório da Sociedade congénere do Porto.

## REPORTAGEM

### Falecimentos

Faleceu no sábado passado a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus Marques, esposa do sr. Alfredo Ribeiro Belino, negociante á rua 31 de Janeiro.

No mesmo dia faleceu a esposa do sr. Manuel S. Boaventura Mendes Guimarães e mãe do industrial sr. José Ladeira Guimarães.

Igualmente faleceu ontem na sua casa, á rua de Gil Vicente, o sr. António S. Boaventura Mendes Guimarães, que de há tempos se achava internado.

Tambem faleceu na segunda-feira a mãe do sr. Cipriano Augusto, mestre da banda «Boa-União», e antigo músico regimental.

Os nossos pêsames às famílias enlutadas.

### Transferência

Foi transferido da estação telegrafo-postal desta cidade para Ponta Delgada, o sr. António Cândido da Costa.

### Fotografia Carvalho

A Fotografia Carvalho expôs ao público, num destes dias, nas vitrines da casa High-life, as suas últimas produções em trabalhos fotográficos.

### Espectáculo

A companhia do Teatro Nacional de Lisboa realiza nos dias 26 e 27 do corrente, no teatro Afonso Henriques, dois espectáculos, trazendo para isso notáveis peças do seu repertório.

A assinatura encontra-se aberta na barbearia Simão Costa, á rua 31 de Janeiro.

### Club dos Caçadores

No próximo domingo, realiza-se a inauguração do novo stand do Club dos Caçadores desta cidade, havendo um torneio de tiro aos pombos a que só podem concorrer sócios do Club.

### Preço dos cereais

No último mercado, o preço dos cereais foi o seguinte:

Milho branco, o alqueire, 840; amarelo, 800; alvo, 1,300; centeio, 750; feijão branco, 1,700; moleiro, 1,550; amarelo, 1,500; fradinho, 1,100; painço, 1,200; batatas, 600; galinhas, 700; ovos, duzia 140.

## EDITAL

(1.<sup>a</sup> Publicação)

A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, faz publico:

Que a Câmara Municipal de Guimarães, em sua sessão extraordinária, realizada no dia vinte e seis deste mês e ano, proferiu a seguinte

### Deliberação

Que mantêm a deliberação tomada em sessão de 15 de Abril próximo passado, mudando a feira do gado bovino e suíno da Praça da República do Brazil para o Cam-

po de D. Afonso Henriques; a feira dos cereais do campo ou Largo da Misericórdia para o Largo de S. Francisco; e a das Alfaias Agrícolas, para o Largo da Misericórdia, desta cidade.

Que, passados três dias a contar deste edital, se acha em plena execução a deliberação que se publica para todos os fins e efeitos legais.

E, para que ninguém alegue ignorância, se expediu este edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 28 de Maio de 1914. E eu, José Maria Gomes Alves, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

## Junta de Paróquia de S. Sebastião de Guimarães

### AVISO

Ficam por este meio avisados todos os paroquianos que ainda não pagaram a contribuição do corrente ano, ou de qualquer dos anos atrasados, que se encontram em casa do cidadão tezoureiro António Antunes de Castro, Largo do Trovador, os recibos em dívida, até ao dia 30 de Junho próximo; também ficam avisados os possuidores de prédios nesta freguesia a fazerem o pagamento da contribuição para não sofrerem o relaxe.

Guimarães e Secretaria da Junta de Paróquia de S. Sebastião, aos 25 de Maio de 1911.

O Presidente,

Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães.

—13—

—14—

—15—

### Por aqui principiamos:

«Cerca de sete mil anos antes de Cristo, foi a confissão introduzida no Egito pelo legislador indiano Manon...» (COSTUMES E INSTITUIÇÕES DOS POVOS DA INDIA, PELO ABADE DUBOIS).

«Buda, que ainda hoje é o Deus mais adorado no mundo, instituiu a confissão para os religiosos dos seus conventos, que duas vezes por mês confessavam as suas faltas em presença do mesmo Buda e perante a assemblea dos fiéis, em alta voz, para que toda a gente soubesse o bem e o mal que eles faziam.» (BARTHELEMY SAINT HILAIRE—«BUDA E SUA RELIGIÃO»).

«Na antiga religião de Zoroastro, Deus dos Persas, encontram-se preceitos e práticas relativas à confissão, perfeitamente idênticas às que se tem observado em diferentes épocas na religião cristã. Por exemplo, a confissão auricular feita aos padres, a penitência que lhes impõem, a absolvição que dão aos pecadores; enfim, também lá se encontra uma espécie de papa, ao qual Deus confia as chaves do céu.» ANQUATIL—«DESPERSON—Zand-Avesta».

«Feleury, historiador católico, afirma que a confissão auricular foi inventada por Chrodegang, bispo de Metz, em 763, mas como disciplina do seu instituto monástico, unicamente. Esta é, diz elle, a primeira vez que encontro a confissão preceituada.» (HIST. ECL. TOM. IX, PAG. 300).

Ainda na Enciclopedia Portuguesa, por Maximiano de Lemos, pode lêr-se, a propósito:

«A confissão era praticada por diferentes formas nas religiões antigas da Pérsia, da Índia e do Extremo Oriente. Imposta aos que se faziam iniciar nos mistérios de Eleusis e de Samotracia, em religião alguma ela teve o vigor que lhe deu a religião católica. Na Índia,—prosegue a mesma Enciclopedia dirigida pelo illustre lente da Escola Médica do Pôrto,—a confissão pública ou auricular parece ascender à mais remota antiguidade. As leis de Manú impunham-na em certos casos graves. Encontra-se também nos djains com um carácter redentor mais acentuado, porque se completava com a absolvição. A confissão foi elevada a instituição dogmática pelo budismo. No Vinaya, encontra-se uma fórmula detalhada da confissão perante a assemblea dos religiosos. Tinha o carácter duma confissão, mas não remia os pecados; depois deu-se-lhe uma grande eficácia para se obter a salvação. E' sob esta forma que se encontra ainda no Thibet, na China e no Japão.»

Agora, e para fechar, atentemos no que diz o abade Ambrózio Guillois, na sua obra do mais conhecedor e refinado espirito teológico. Diz elle:

«Encontramos a confissão estabelecida entre os pagãos; e de todas as religiões idólatras, que tem existido, nenhuma há, talvez, em que não apareça nenhum indício da confissão. Os egípcios e os gregos confessavam-se nas expiações e na celebração dos mistérios de Orfeu, de Isis, de Ceres, de Samotracia. Associando-se aos mistérios de Ceres Eleusina, Marco Aurélio confessou-se ao hierofante. Os japonezes, sectários de Arnida, admitem a confissão, para a qual se preparam com extraordinárias austeridades.»

Ora devemos acrescentar que este abade Guillois, a páginas 186 do Tomo III da sua obra, afirma, depois disto, que o uso da confissão não foi estabelecido pelos homens.

«E como faz essa demonstração? ; que argumentos apresenta elle para que o possamos tomar a sério? Por esta maneira: «—Custa tanto ao nosso amor próprio declararmo-nos culpados; a confissão repugna tanto ao nosso orgulho, que nunca os homens a teriam podido admitir, se não estivessem persuadidos que ella é obra de Deus.» Simplesmente este escriptor católico simulava ignorar aquelle crítico, conceituoso e exacto pensamento de Rosseau: «; Sempre um padre entre o homem e Deus!»

Não foram os homens, não, quem inventou a confissão: os padres, sim, os padres a inventaram. Era a elles a quem primeiro, (se não exclusivamente) utilizava o seu uso. Se uma parte dos homens a ella depois recorreram, é porque os levaram, como diz o próprio abade escriptor, a persuadir que ella, a confissão, era «obra de Deus».

Obra de Deus!!! ; Mas que obra tam sujeita à discordância, ao erro, ao abuso, à depravação, para que em verdade se aceite ser essa coisa obra de Deus!?

Se Sodoma foi arrazada pelos seus vícios e iniquidades, ; porque conserva Deus então essa obra, á qual a história faz um sudário de vergonhas inenarráveis?... Obra de Deus?!

Oferece, todavia, aspectos tam divergentes, tam originaes e tam sujeitos aos sucessos vários dos tempos, que a gente de boa fé e de entendimento simplista, como eu, é levada a acreditar que esse Deus, ou é um Deus fraco e incoerente—o que é contra o poder da sua divina omniscência e onnipotência,—ou então não metera prego nem estopa no assunto, como vulgarmente soe dizer-se; indução esta que mais animadamente aceito, pois seria para mim imensamente doloroso ter de acusar Deus de haver inventado uma instituição que, na prática, mais tem servido para esmorecer o remorso que para regenerar as consciências...

### A confissão auricular é acusada á face da História de todos os tempos

Sou entrado na parte analítica e crítica do assunto. A História, que até aqui me forneceu dados para demonstrar a falsa base divina com que pretendem defender e justificar o uso da confissão auricular, vai ainda auxiliar-me na exposição dissecante das suas consequências e vícios. Não se trata de simples observações disciplinares ou meros casos isolados: trata-se de abusos, de depravações, de crimes sem conta, derivados pelo exercício do confessorário—desde aquelle momento, especialmente, em que a confissão foi elevada a dogma e considerada prática obrigatória, pelo 4.<sup>o</sup> Concilio de Latrão, pontificado por Inocência 3.<sup>o</sup>, no ano 1512.

Só na parte respeitante aos damnos causados pela falta de sigillo na confissão, basta ler e meditar uma obra escrita em 1746, sob o título e sub título: — «Collecção Universal da Bula, Editais, Pastorais, Cartas, Dissertações, Apologias e tudo o que até agora se tem escripto e divulgado e mais se pode desejar, para inteira e individual noticia do insólito e pernicioso erro da fracção do sigillo sacramental.» Esta obra, composta de 3 volumes, e que o seu autor consagrara ao Cardeal Patriarca de Lisboa, é incontestavelmente uma obra de documentação, digna de ser meditada, pois

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTACÕES	*	Rápido		* Diário	* Diário	* Diário	* Diário	* Diário
		Diário	Dias úteis					
Linha de Guimarães	FAFE	P. 4,50	7,15		12,28	16,05		
	Guimarães	C. 5,43	8,08		13,21	16,58		
	"	P. 5,51	8,16	10,49	13,29	17,07	19,57	21,30
	Vizela	P. 6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18	21,50
	Lordelo	P. 6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30	22,01
	Negrelos	P. 6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44	22,13
Linha de Mião	Santo Tirso	P. 6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04	22,33
	Trofa	C. 7,19	9,30	12,23	14,54	18,39	21,25	22,52
	Valença	P. 3,23	6,	7,55	13,20	15,25	16,40	18,50
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19	21,7
	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04	22,05
	TROFA	P. 7,00	9,44	12,41	15,54	18,27	21,47	23,07
Linha de Povoa	Porto	C. 8,56	10,30	13,22	16,39	19,66	23,04	23,56
	Trofa	P. 8,06	9,46		15,05	19,58		
	Braga	C. 8,56	11,15		15,58	21,29		
	Viana	C. 8,31	11,47		16,26	22,33		
	Valença	C. 10,50	13,19		17,31	21,17		
	POVOA	C. 8,51			17,20			
L. da	Porto	P. 8,35			15,48	19,57		
	Campanhã	P. 8,48			16	18,05	20,30	
	Lisboa	C. 14,31		1,13	23,53	6,25		

Descendentes

ESTACÕES	*	Rápido		* Diário	* Diário	* Diário	* Diário	* Diário	
		Diário	Dias úteis						
L. de Guimarães	Lisboa	P. 18,55		21,35	21,35	8,30			
	Campanhã	C. 9,19		7,35	7,35	14,07			
	Porto	C. 9,32		7,50	7,56	14,17			
L. de Mião	Porto	P. 4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10	18,44	
	Trofa	C. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50	19,53	
	Trofa	P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52	19,58	
	Braga	C. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58	21,29	
	Viana	C. 8,31		10,25	11,47	16,26	19,20	22,33	
	Valença	C. 10,50		13,19	17,31		0,17		
L. da POVOA	P.	4,35			8,03		16,35	16,35	
L. de Guimarães	TROFA	P. 6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00	20,10	20,20
	Santo Tirso	P. 6,57	8,31	9,11	10,20	16,35	18,18	20,31	20,44
	Negrelos	P. 7,18	8,54	9,29	10,41	16,56	18,35	20,48	21,04
	Lordelo	P. 7,33	9,08	9,41	10,54	17,11	18,46	20,59	21,18
	Vizela	P. 7,48	9,24	9,54	11,08	17,26	18,58	21,12	21,32
	Guimarães	C. 8,07	9,44	10,12	11,27	17,44	19,14	21,29	21,51
	"	P. 8,18			11,34	17,52		21,36	22
	FAFE	C. 9,13			12,28	18,47		22,32	22,53

- \* Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha, Cepães e Palmeira
- o Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Palmeira.
- Idem em Cepães.

DISPONÍVEL

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º — GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

Livraria editora GUIMARÃES & C.ª

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Meuret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Porto.

A publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Ilumina as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gasolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licoreas genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Oficina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e cor para homens e senhoras.

Concertos rápidos.

Perfeição.

Preços módicos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano . . . . . 1\$200 rs.

Anuncios e comunicados, por linha . . . . . 40 rs.

Semestre . . . . . 600 "

Repetição, por linha . . . . . 20 "

Brazil, ano (moeda forte) . . . . . 2\$500 "

Permanentes, contracto convencional. . . . .

Número avulso . . . . . 30 "

Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ào Cidadão